

“Vão embora e não voltem nunca mais”

■ Repórter do JB fica cinco horas como refém de índios caiapós no Sul do Pará

NICOLAU FARAH

SÃO FÉLIX DO XINGU, PARÁ – No momento em que os dois helicópteros Puma pousaram na esplanada Camaçari e deles desembarcaram os agentes federais e fiscais do Ibama - a impressão que dava é de que o ataque surpresa iria flagrar todo mundo ali com a mão na massa. Policiais federais de metralhadoras e os fiscais de revólver em punho, correndo por todas as direções atrás dos peões, sem saber que estes já tinham partido.

E se existiu algum elemento surpresa, ele veio do lado oposto: quando olhei para a outra margem do Rio Xingu, vi um bando de índios pintados de preto, prontos para a guerra, apontavam suas flechas para nós. “Ninguém se mova”, alguém do nosso grupo orientou. Não eram muitos, dava para contar uns dez ou doze, portanto em número bastante inferior ao nosso e em infinita desvantagem em termos de armamento. Mas quem queria medir forças?

Passaram-se alguns minutos assim: do nosso lado, parecíamos atordoados com a situação. Do lado deles, uma aparente disposição de partir para o tudo ou nada. Era mesmo uma situação de risco. Titubeamos. Quem vai conversar com eles? Alguém sugeriu: o Ronaldo (intérprete da Funai) e o repórter, que está desarmado. Mas cadê o Ronaldo? Ninguém sabe, ninguém viu. Depois, soube que ele fora impedido de desembarcar do helicóptero por ordem de um coronel. Ronaldo havia sido confundido comigo e a orientação da Funai fora manter a bordo o repórter e levá-lo de volta à base.

Caminhei alguns passos na direção dos índios um tanto incrédulo. Quem seguiu a meu la-

do eu nem me lembro. Só sei que dois do outro lado também se destacaram do grupo e vieram em nossa direção, dizendo que eram caciques e queriam falar com os chefes.

Quando os coordenadores da operação - o fiscal do Ibama, Rodolfo da Costa; o técnico da Funai, Antônio Bezerra; e o delegado federal Marcos Aurélio - se aproximaram, receberam a notícia: está todo mundo proibido de sair. “Vamos esperar outros líderes para discutir o que vocês vieram fazer aqui”, disse um deles.

Durante cinco horas e meia, exatamente, fomos mantidos acantonados junto às toras de madeira, sob o sol causticante e sem comida. Água, só do rio. Quando um helicóptero do Ibama se aproximou, recebeu o sinal de Rodolfo para partir antes de pousar, pois estava sujeito a ser também retido pelos índios.

Somente no final do dia é que os líderes, ainda bastante nervosos, autorizaram que o helicóptero baixasse para descarregar mantimentos, bagagens e o rádio-comunicador com gerador. Mas apenas um de nós poderia se aproximar do aparelho.

A situação se manteve tensa até a partida do aparelho, mas logo todos relaxaram. A noite, o clima era de distensão. Uma trégua curta. No dia seguinte, o julgamento: que nenhum de nós volte a pisar em suas terras, sentenciaram os nove caciques.

“A Funai não dá mais assistência para o índio. Vamos vender a madeira e com o dinheiro comprar remédios, comida e pagar as nossas contas”, argumentaram. “Vão embora e não voltem nunca mais.”, decretaram. Eu voltei para São Félix para escrever a minha matéria. O resto do grupo ficou lá esperando o desfecho da negociação.



“Do outro lado do Rio Xingu a cena era incrível: um bando de índios pintados de preto, prontos para a guerra”

NICOLAU FARAH, REPÓRTER DO JB

Funai tenta desmentir incidente

PAULO FONIA

BRASÍLIA – Depois de ter informado antontem que índios caiapós da reserva de São Félix do Araguaia, no Pará, mantiveram como reféns integrantes da equipe que investiga a exploração predatória de mogno e o repórter Nicolau Farah, do JORNAL DO BRASIL, a direção da Fundação Nacional do Índio tentou ontem negar a ocorrência do incidente,

que havia sido confirmado também pelo Ibama.

Pela manhã, a Funai informou que a situação era de calma, mas os caciques Megaron e Raoni tinham se deslocado para a reserva, na tentativa de intermediar um entendimento com os caiapós que permitisse o prosseguimento da operação, depois da atitude hostil dos índios.

Os caciques reclamaram da veiculação da informação, tornada pública pelo JB, de que os caiapós mantiveram a equipe como refém. O comunicado oficial divulgado pela Funai no meio da tarde para desmentir o incidente acabou por confirmá-lo, ao justificar a presença dos dois caciques na área para apoiar a ação fiscalizadora.

Polícia Federal vai agir

MÁRCIO DE FREITAS

BRASÍLIA – O delegado-chefe da Divisão de Ordem Política e Social da Polícia Federal, Caio Ribeiro Guimarães se reuniu ontem com o secretário-executivo do Ministério do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, para discutir o clima tenso na reserva Caiapó. Desde antontem, um grude funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e agentes da Polícia Federal estão sob o poder dos índios. Os caiapós não aceitam a realização da Operação Mogno, que tem o aval do Palácio do Planalto.

A ação deveria ser o primeiro grande combate à venda ilegal de madeira nobre, mas foi retardada pela resistência dos índios. Além disso, um desencontro de atribuições e resistência dos próprios órgãos que realizam a operação pôs

em risco os funcionários que foram até a reserva. Os índios não aceitaram a presença da equipe em sua aldeia.

O resultado são 40 homens retidos na reserva. Um delegado da Polícia Federal que acompanha o conflito na região confirmou que os policiais estão armados, mas têm ordens expressas para não reagir às provocações dos caiapós.

Apesar do fracasso, o governo continua tentando conseguir ao menos retirar dos índios a madeira derrubada na reserva. São cerca de 11 mil metros cúbicos de mogno, que podem valer até US\$ 10 milhões no mercado.

Em Colider, no Mato Grosso, o administrador da Funai, cacique Megaron, passou a tarde reunido com o representante da fundação, Vagner Sena, tentando encontrar propostas que consigam retirar as resistências dos índios à operação.